

Associação Nacional de História – ANPUH
XXIV SIMPÓSIO NACIONAL DE HISTÓRIA - 2007

Estrangeiros em Casa: (re) sentimentos, impressões e identificações produzidas pelos emigrantes brasileiros clandestinos nos Estados Unidos, quando de volta para Santa Catarina (1995-2005)

Emerson César de Campos*

Resumo: Esta comunicação pretende apresentar algumas das práticas e sentimentos desenvolvidos pelos emigrantes clandestinos nos Estados Unidos quando de sua volta para Santa Catarina, no período compreendido entre 1995 e 2005. Assim, se busca identificar as formas pelas quais os ex-emigrados (retornados), ditos *estrangeiros*, novamente em casa, vivem e (re)sentem a cidade de Criciúma. A partir de contato com uma série de fontes, produzimos uma interpretação do citado retorno, bem como uma análise sobre as ações promovidas que produzem novos sentidos e expressões culturais híbridas na cidade. Desta forma tentamos relacionar as impressões dos retornados com as transformações ocorridas em Criciúma, ouvindo e visibilizando vozes inseridas na polifonia da cidade.

Palavras-chave: Cidades – Identificações – Retornados.

Abstract: This communication intends to present some of the practices and feelings developed by the clandestine emigrants in the United States when of its return for Santa Catarina, in the period restrained between 1995 and 2005. Thus, if it searches to identify the forms for which the former-emigrated ones (returned), said foreign, again in home, living and feeling again the city of Criciúma. From the contact with many others sources, we produced an interpretation of the cited return, as well as an analysis about the promoted actions that produce new senses and hybrid cultural expressions in the city. This way we tried to report the impressions of the returned ones with the occurred transformations in Criciúma, hearing and turning visible inserted voices in the city polyphony.

Keywords: Cities – Identifications - Returned Foreign.

Nos últimos sete anos venho desenvolvendo pesquisas que sob formas distintas se relacionam aos estudos sobre as cidades no contemporâneo. A tese de doutoramento que defendi em 2003, se constituiu de uma investigação criteriosa das transformações ocorridas na cidade de Criciúma, localizada no Sul de Santa Catarina. Naquela oportunidade, busquei inventariar uma série de fenômenos que se apresentavam na cidade e que vêm fornecendo a ela uma face muito distinta daquela que por décadas a identificou. Assim, lugares comuns, antes cristalizados na fixação de uma identidade mais coesa da cidade, tais como as ações que

* Doutor em História, Professor do Departamento e Programa de Pós-Graduação em História da Universidade do Estado de Santa Catarina – UDESC.

a qualificavam como *Capital Brasileira do Carvão*, foram se fragilizando ao longo das duas últimas décadas, especialmente em virtude de outras práticas que se avolumam na cidade no contemporâneo. Tais transformações podem ser identificadas de modo mais preciso a partir do final da década de 1980. Em apresentação rápida a *capital brasileira do carvão* teve sua história mbricada no que nela se convencionou chamar de *pedra fundamental do progresso*¹, o carvão, que parecia inviável sua construção fora desta base. Entretanto, em 1987, após uma redução considerável dos subsídios que por mais de 40 anos foram fornecidos pelo governo federal à indústria extrativa do carvão mineral, o setor carbonífero se retraiu abruptamente, provocando desemprego² e gerando uma crise social de grandes proporções. Após um período de intensas reivindicações e lutas, promovidas por movimentos sociais, sindicatos, organizações de bairros, imprensa e pelo próprio empresariado local, a cidade deixou de ser divulgada como a *capital brasileira do carvão*.

Esta alteração significativa no olhar sobre a cidade aparece em manifestações inúmeras. É possível afirmar que especialmente nestes últimos quinze anos, a cidade de Criciúma se encontra muito mais fraturada e exprime uma gama de significados amplos, que dificilmente uma sentença redutora poderia melhor qualificá-la. Para entender estes “platôs”, na expressão cunhada por Deleuze, é necessário fugir de lugares comuns e bem marcados. Nesta comunicação busco discutir práticas sociais muito vivas em Criciúma, especialmente aquelas relacionadas ao que chamo provisoriamente de *dolarização da cidade*, fenômeno que venho estudando no último ano, ligado ao fluxo emigracional de criciumenses para os Estados Unidos da América, intensificado na década de 1990. Desta investigação resultou o projeto de pesquisa em andamento sob o título de Estrangeiros em Casa: (re)sentimentos, impressões e identificações produzidas pelos emigrantes brasileiros clandestinos nos Estados Unidos, quando de volta para Santa Catarina (1995-2005), do qual passo a apresentar alguns resultados prévios obtidos até o momento (abril de 2007).

Os fluxos contemporâneos e suas implicações em Criciúma

Os fluxos migratórios de brasileiros para os Estados Unidos, apenas muito recentemente vêm despertando atenção nas ciências humanas com um todo, e na Antropologia e História em particular. Aqui não se pretende fazer uma historicização dos processos emigratórios, ou mesmo o sentido “irreversível” do processo, como apontam alguns

¹ Slogan de campanha publicitária de largo alcance, realizada em Criciúma entre 1975-1980.

² O número de postos de trabalho que em 1987 era de 13.000 foi reduzido para 4.000 em 1990. Também em 1990 o governo federal reduz ainda mais o incentivo a exploração do carvão nacional, reduzindo de 10% para 6% a cota obrigatória de compra do carvão nacional por parte das empresas que usavam este mineral.

depoimentos coletados em mais de quinze entrevistas que realizamos³. Os apontamentos aqui são colocados a partir do que se poderia chamar de uma teoria geral da migração, dos fluxos contemporâneos, destacando-se entre outros, em geral, (HALL, 2003), (HIRSCHMAN, 1999) e (GUIBERNAU, 2005), e em particular, (SALES, 1997), (MARTES, 1999), (ASSIS, 2004) e (CAMPOS, 2003). O entendimento contemporâneo dos fluxos migratórios se constrói sob atenta observação na inversão de sentidos e nas transformações dos espaços, aquilo que Michel de Certeau chama de lugares praticados. No caso específico da realidade brasileira, mas precisamente daquela vivida no Sul de Santa Catarina, na região da cidade de Criciúma, as práticas de lugares antes consagrados se alteram de modo significativo nas duas últimas décadas. Criciúma foi uma cidade que tradicionalmente recebeu migrantes em busca de trabalho nas suas indústrias, em especial aquelas do setor carbonífero. Desde 1990, a partir do Governo Collor, iniciou-se um processo de redimensionamento da exploração do carvão na cidade, provocando a falência ou fechamento de várias mineradoras. Atualmente (2007) não existe mineradora explorando carvão no território de Criciúma. É plausível de se imaginar a crise pela qual passou a cidade, conforme nos mostra entre outros, (SANTOS, 1997), e como a partir daí alguns vetores constituintes da cidade se inverteram. Ou seja, uma cidade (e no limite um país, dados os exemplos de outros municípios com como Cascavel no Paraná ou Governador Valadares, em Minas Gerais) habituada a receber de modo quase contínuo durante praticamente todo o século XX, começa, a partir da década de 1990, a *exportar* mão de obra, se inserindo no fluxo migracional contemporâneo. Segundo os dados muito recentes, “a diáspora brasileira conta hoje com cerca de 3 a 4 milhões de brasileiros vivendo no exterior, em especial nos Estados Unidos, onde vivem entre 1,8 a 2 milhões” (CPMI-EMIGRAÇÃO, 2006). Estima-se que algo em torno de 55 mil pessoas da Região Sul de Santa Catarina esteja no exterior, e que ao menos 20 mil criciumenses tenham emigrado para os Estados Unidos (ZAMBERLAM, 2007:39-51), o que nos indica a importância social do fenômeno tendo em vista uma população de aproximadamente 180 mil pessoas em 2005 (IBGE, 2005). Em relação ao fluxo de criciumense para os Estados Unidos, tal movimento se inicia quase sempre com uma tarefa árdua: a obtenção do visto de entrada e/ou a travessia da Fronteira.

³ Estas entrevistas foram realizadas nos últimos seis meses e contaram com o apoio dos bolsistas de Iniciação Científica Larissa Cerezer e Pedro Eurico Rodrigues, aos quais sou grato.

(Re)Sentimentos e impressões no atravessar da Fronteira

Conforme comentado e por razões operacionais, não há possibilidade de neste texto apresentar um número consistente de depoimentos (ou recortes deles), mas de alguma forma tento colocar algumas falas (completadas com a apresentação deste texto no Simpósio) no sentido de aproximar a realidade de quem se lança a aventura de emigrar da narrativa histórica a esse respeito. Os depoimentos coletados são, em sua maior parte, bastante comoventes e suscitam uma série de questões à pesquisa. Fronteira é área de litígio. Espaço praticado do desequilíbrio. O desafio é este: perceber o quanto e quem vive neste lugar instável, instância primeira e última do entre-lugar. Segundo Silvana Aparecida (CECHINEL, 2002), em depoimento que me concedeu, “tudo ia bem até a falência do setor carbonífero, ainda em 1989”. Passada uma década de dificuldades de ordens, mas principalmente financeira, em 1999 ela e seu marido decidem emigrar. Desde o final da década de 1990 tem sido muito difícil a obtenção de visto de entrada para cricumenses nos Estados Unidos. Tentaram pelo México. Primeiro foi o marido, depois de oito dias e tendo gasto cinco mil dólares, consegue chegar de forma não documentada (clandestina) no destino pretendido. Silvana, junto a outras três mulheres, sendo uma adolescente de 16 anos, viaja logo em seguida. Segue até a fronteira do México com os Estados Unidos, onde depois de dois dias tentando atravessar, é por fim presa junta as outras pessoas que a acompanhavam, ficando detida no México por vinte e três dias, sendo em seguida deportada para o Brasil (para maiores detalhes ver (CAMPOS, 2003: 70-78)).

A experiência relatada mais recentemente por José Rocha Neto, 47 anos, difere de Silvana Aparecida em muitos elementos, mas não é menos comovente. Rocha, como é chamado pelos amigos, ficou desempregado em 1993, quando decidiu emigrar para os Estados Unidos junto com um amigo, para o qual financiou os recursos. Sem instrução formal mais elaborada, e sem falar absolutamente nada em inglês, Rocha parte para a travessia da Fronteira:

“Fui pelo México, peguei coiotes mexicanos e tudo. Os coiotes começam a levar a genter para um lado pro outro nos perdemos no meio do mato. Eu fiquei nove dias, porque me perdi do grupo. Nun se entende o que passa lá. Todo mundo preparado e ansioso. Quando chega lá, não sei se é invenção deles, toca sirene, toca tudo, polícia no meio do mato, no rio, não sei se eles que fazem aquilo ali com água com o barco tocando sirene, dizendo:– Policia! Policia! Policia! Policia! Volta todo mundo.. Ai fica mais um, dois dias aguardando. Gente de tudo quanto é lugar, hondurenho, salvadorenho, mexicano também, brasileiro, boliviano (...) Depois de nove dias tentando e perdido do grupo, acabei me entregando para a polícia americana” (ROCHA NETO, 2006).

Os desdobramentos a partir da prisão de Rocha foram também distintos daqueles que Silvana enfrentou. Ele conseguiu após três dias de prisão, ser libertado nos Estados Unidos, na Estação de Trem de San Diego⁴. Os momentos vividos e enfrentados por Silvana e Rocha constituem movimentos (des)integradores das enunciações as quais se lançam as pessoas postas nos fluxos contemporâneos. Aquilo que Homi K. Bhabha chama de disjunção repentina do presente, que “torna possível a expressão do alcance global da cultura” (BHABHA, 1998:298). A cultura colocada como estratégia de sobrevivência é tanto transnacional como tradutória. É transnacional porque os discursos pós-coloniais contemporâneos estão enraizados em histórias específicas de deslocamento cultural, de fluxos migracionais, e tradutória porque estas histórias espaciais de deslocamentos – a exemplo do que nos colocam Silvana e Rocha - agora acompanhadas das ambições territoriais das tecnologias *globais* de mídia – tornam a questão de como a cultura significa, ou o que é significado por cultura, um assunto bastante complexo. Mulheres e homens desterritorializados, nômades, inseridos no discurso dos fluxos contemporâneos. Esta Césura nos territórios, parece ser a forma narrativa de se falar e viver o contemporâneo, e nos instiga a pensar *o que estamos fazendo de nós mesmos?*. Essa indagação aflora com muito vigor, particularmente entre os familiares dos emigrados, com os quais tenho conversado, quase sempre na tentativa de tentarem entender as razões que os mantêm distantes de seus familiares. As narrativas de Silvana e Rocha sob formas e fins distintos, como vimos, fornecem significado às passagens intersticiais e às diferenças culturais inscritas no entre lugar, e na própria dissolução temporal que constrói o texto global, àqueles que se lançam à aventura de atravessar a Fronteira.

O retorno, as adaptações e as transformações na cidade

Neste texto fica muito difícil realizar incursões sobre como viveram e vivem os emigrantes nos Estados Unidos, pois a preocupação aqui é discutir o retorno, a vida que reiniciam em Criciúma os chamados *estrangeiros*. As fontes investigadas até agora (depoimentos, leitura das colunas nos jornais locais escritas desde a região de Boston) indicam motivações variadas para o retorno à cidade de Criciúma. Mas em todos os casos levantados até agora, as indicações acentuam um desconforto na volta. Sentimentos se misturam meio a uma cidade em franca transformação: em sua arquitetura, no setor de serviços, na circulação do Dólar convertido em Real nos vários bancos e casas de câmbio, nos nomes de empreendimentos comerciais e imobiliários. Mais do que a materialidade

⁴ Os desdobramentos serão detalhados na apresentação deste texto durante a realização do Simpósio.

transfigurada na cidade, o incômodo inicial dos retornados quase sempre passa não mais diretamente pela oferta de serviços (para a maioria a cidade melhorou muito neste sentido), mas sim pela forma que agora sentem a cidade. Reclamam das relações alteradas com familiares, da dependência financeira de parentes para com eles, das condições de atendimento à saúde e ao lazer. A maior parte dos depoimentos coletados aponta o consumo da sociedade americana como algo que auxilia a identificação com um lugar, que estimula a maturidade de um cidadão; idéia também explorada e analisada por Nestor Garcia Canclini em (CANCLINI, 1995; 2003). Alguns depoimentos são emblemáticos neste sentido. Fernanda Detal⁵, que permaneceu nos Estados Unidos por dez anos, junto ao marido e mais dois filhos, estando de volta à cidade há nove meses, diz sentir muita diferença na cidade que deixou e naquela que encontrou em seu retorno. Embora ainda siga afirmando que se sente ainda uma *estrangeira em casa*, e dizendo que foi muito importante para ela ter um rede de apoio, tanto lá quanto cá (para isto ver: (ASSIS, 2004)), Fernanda que é integrante de uma igreja protestante, sentencia: “o consumo é uma benção” (DETAL, 2007).

Através do que foi investigado até momento, é possível inferir que ao menos metade dos retornados acabam voltando para os Estados Unidos, ou na impossibilidade disto, emigrando para algum país da Europa (Inglaterra, Portugal, Espanha, Itália e Alemanha são os mais procurados). Disto resulta um problema que começa a ganhar volume: o que fazer com a cidade caso todos voltem para ela, visto que hoje, seguramente mais de vinte por cento de sua capacidade financeira gira em torno do dinheiro aplicado em Criciúma pelos chamados *estrangeiros*?. O Crescimento do setor da construção civil e o imobiliário representam muito dos investimentos dos retornados na cidade. José Eduardo Mondardo, conhecido empresário do setor imobiliário de Criciúma foi por mim entrevistado ainda em 2002, e naquela oportunidade dizia que:

“Em dados se pode dizer que mais de 30% do pipocar imobiliário da cidade hoje é fruto de poupança externa enviada por emigrantes que estão nos USA. Isto é certo(...). É um movimento que está apenas começando. É irreversível, contínuo e permanente. Certamente este é o movimento que vai ser o grande fator de sustentação do setor imobiliário (...).Hoje eu diria que Criciúma é a cidade mais internacional do Brasil. Diferente de Valadares, tem cricumenses hoje na Alemanha, Itália, Portugal, Espanha, Inglaterra. A maior parte deles na faixa dos 18-35 anos” (MONDARDO, 2002).

Naquela oportunidade (2002), como não estava focado na investigação da emigração (ver ASSIS, 2004)). Contudo, retomei o contato com o empresário no ano de 2006 e obtive uma entrevista no dia 13 de abril de 2007, onde foi possível comparar suas observações anteriores com as atuais. José Mondardo continuou afirmando que o trabalho dos

⁵ O nome foi trocado para manter a privacidade solicitada pela depoente.

estrangeiros é importante para a cidade, e disse também que os retornados têm investido suas economias em Criciúma, em pequenos negócios e/ou imóveis. Isto para aqueles que conseguem uma adaptação mais segura, e não são muitos. Na maior parte dos casos os retornados têm seu padrão de vida alterado, quase sempre inferiorizado em relação a vida que tinham nos Estados Unidos. Então para atender ou manter um padrão de vida já alcançado, parte considerável dos retornados acabam voltando para os Estados Unidos, quase sempre em situação não documentada (clandestina) ou ainda, para os que podem, lançando-se a um movimento pendular, entre Criciúma e a região de Boston. José Rocha Neto em seu depoimento diz que:

“(Vim e voltei muitas vezes, numa delas) fiquei mais um ano aqui em Criciúma, nessa luta, vivendo pra lá, vivendo pra cá... . Tu já tem o outro lado do mundo, tu já conhece o outro lado, tu já deu uma bocada na maçã (rs). Aquela maçã “marvada”, aquela maçã lá é ruim (rs), Vou dar outra bocada, mas agora vai ser diferente, vou com outra idéia, com outro pensamento, eu vou assim, vai ser diferente dá primeira vez. Fui no consulado, peguei o visto, já tinha um conhecimento melhor”.

Rocha voltou ao Brasil em outubro de 2006. Diz que desta vez não volta mais, mesmo tendo um filho fazendo universidade nos Estados Unidos e tendo deixado negócios por lá. Segundo ele é tempo de descansar e viver com os amigos, à cidade. Neste texto limitado por um número de palavras fica muito difícil fazer vazar as impressões, os (re)sentimentos e as identificações que os retornados produzem em Criciúma. Espero ao menos com ele conseguir estimular o debate sobre fenômeno social tão instigante de ser estudado.

Referências bibliográficas:

ASSIS, Gláucia de Oliveira. **De Criciúma para o mundo**: rearranjos familiares e de gênero nas violências dos novos migrantes brasileiros. Campinas, 2004. Tese (Doutorado)- Universidade Estadual de Campinas.

BHABHA, Homi K. **O local da cultura**. Tradução de Myriam Ávila, Eliana Lourenço de Lima Reis, Gláucia Renate Gonçalves. Belo Horizonte: Ed. UFMG, 1998.

CAMPOS, Émerson César de. **Territórios Deslizantes**: recortes, miscelâneas e exibições na cidade contemporânea - Criciúma (SC) (1980-2002). Florianópolis, 2003. Tese (Doutorado) - Universidade Federal de Santa Catarina.

CANCLINI, Nestor Garcia. **A Globalização Imaginada**. São Paulo: Iluminuras, 2003.

- _____. **Consumidores e Cidadãos: conflitos multi-culturais da Globalização.** Tradução de Mauricio Santana Dias. Rio de Janeiro: UFRJ, 1995.
- CPMI. Relatório Final da Comissão Parlamentar Mista de Inquérito da Emigração. Site: www.senado.gov.br/web/comissoes/CPI/Emigracao/relFinalCPMIEmigracao.pdf. Acessado em: 18/04/2007.
- GUIBERNAU, Montserrat; REX, John (orgs.) **The Ethnicity reader: nationalism, multiculturalism and migration.** Maldon (USA): Polity, 2005.
- HALL, Stuart. **Da Diáspora: Identidades e mediações culturais.** Tradução de Adelaine La Guardia Resende (et. al). Belo Horizonte: UFMG; Brasília: representação da UNESCO no Brasil, 2003.
- HIRSCHMAN, Charles; KASINITZ, Philip; WIND, Josh de. **The handbook of international migration: the american experience.** New York: Russell Sage Foundation, 1999. 502 p.
- IBGE. Estimativa populacional para 2005. site: www.ibge.gov.br. Acessado em 18/04/2007.
- MARTES, Ana Cristina Braga. **Brasileiros nos Estados Unidos: um estudo sobre imigrantes em Massachusetts.** São Paulo: Paz e Terra, 1999.
- SALES, Teresa. **Brasileiros longe de casa.** São Paulo: Cortês, 1999.
- SANTOS, Maurício Aurélio dos. **Crescimento e Crise na Região Sul de Santa Catarina.** Florianópolis: UDESC, 1997.
- ZAMBERLAM, Jurandir; CORSO, Giovanni (orgs.). **A emigração da Grande Criciúma na ótica de familiares – desafios para a igreja de origem e de destino.** Porto Alegre, Solidus, 2007. 110p.

Entrevistados:

- Fernanda Detal (2007)
- José Eduardo Mondardo (2002, 2007)
- José Rocha Neto (2006)
- Silvana Aparecida Cechinel (2002)